

"O PROFESSOR NA HISTÓRIA"

CYNTHIA PEREIRA DE SOUSA
Universidade de São Paulo — Brasil

Quero, em primeiro lugar, agradecer ao Prof. Justino Magalhães o convite para participar do "*3º Encontro Ibérico de História da Educação*", aproveitando minha estada em Lisboa e na cidade do Porto. Para mim foi um privilégio estar em meio a tantos professores e pesquisadores de Espanha, Portugal e Ilhas Canárias, como fez questão de distinguir o Prof. Enrique Bellenguer. As investigações de alguns destes pesquisadores têm se constituído em referências obrigatórias para determinadas linhas de pesquisa que se desenvolvem em algumas universidades brasileiras.

Não poderia deixar de, publicamente, congratular-me com o Prof. Justino Magalhães, com outros professores da Comissão e com alunos do seu mestrado, como Lucinda Monteiro e Rodrigo Azevedo, pela organização do evento. Para aqueles que já organizaram congressos, seminários etc., reunindo um grande número de participantes, é evidente o desafio que isto representa, por conta das dificuldades e obstáculos a ser vencidos, os muitos atropelos de última hora, enfim, de todas aquelas variáveis que escapam ao nosso controle, de todas as providências que devem ser tomadas para que o evento se concretize da melhor forma possível.

O formato deste Encontro, como lembrou o Prof. Agustín Escolano, permitiu certamente uma maior integração entre os participantes, reunidos em torno de uma "távola retangular" e apresentando suas contribuições nos debates que se seguiram às exposições/comunicações dos professores convidados, em torno de temas que ganham mais e mais destaque no campo da História da Educação.

Passo agora a apontar algumas das temáticas que estiveram presentes neste Encontro, sem a pretensão de esgotá-las e correndo o risco de deixar de mencionar outras tantas de igual importância. Será o meu olhar, a minha interpretação a partir das discussões ocorridas no Encontro.

A conferência do Prof. Willem Frijhoff chamou nossa atenção para o fato de que a escrita de uma história linear dos professores já nascer equivocada, pois nega o processo segundo o qual tanto o papel quanto o lugar do professor na História são concebidos como modelados, remodelados, construídos de acordo com normas e padrões sociais vigentes em cada época como ocorre, de resto, com outros sujeitos históricos, homens e mulheres.

Em sua exposição, o Prof. Josep Agápito fez comentários e análises sobre o sistema espanhol de educação na época contemporânea, o papel desempenhado pelo magistério espanhol, muito ligado à Igreja no século XIX, e uma trajetória da profissão docente que caminha para uma mudança da figura do mestre. Também acentuou a montagem de um sistema alternativo de formação de professores na região da Catalunha, distinto do sistema oficial de ensino. Após o franquismo observa-se a emergência de uma nova geração de professores.

O Prof. António Teodoro assinalou a questão da identidade, a crise de identidade do magistério e, entre outros problemas, destacou o associativismo docente. Nos seus comentários, o Prof. Alejandro Tiana enfatizou a necessidade de conhecermos os processos de construção das identidades dos mestres na História. Ao final de uma das seções do Encontro, o Prof. Antón Costa Rico acentuou, de forma enfática, que devemos considerar as identidades docentes, deixando de lado a concepção de uma identidade única do corpo do magistério. Destacou a necessidade de aclararmos a que setores docentes nos referimos (por ex., a diferença entre professores católicos e não-católicos; professores de escolas particulares e professores de escolas públicas etc.); a que nível de ensino nos referimos (escola primária, secundária, superior), etc.

Até este momento dos debates, não tinha ainda ouvido nenhuma referência às distinções que devem ser necessariamente enfrentadas na consideração da história de professores homens e professoras mulheres. Foi apenas nos comentários feitos pela Prof^a Pilar Ballarin, na segunda seção do Encontro, que ouvi, pela primeira vez, a menção ao fato de que há uma variedade de imagens construídas dos professores e de que existem diferenças significativas nas trajetórias de mestres e mestras.

Algo que parece ter-se evidenciado nas primeiras seções do Encontro foi o de que o historiador deve atentar para as sempre perigosas generalizações. A comentários "generalizantes" sobre o magistério, seus papéis, suas práticas, seguiam-se outros que buscavam pontuar as peculiaridades da experiência docente em diferentes cidades ou regiões de Portugal e Espanha.

Ora, se devemos ter em mira os diferentes percursos e trajetórias dos professores (no masculino), o mesmo ocorre com as mulheres professoras. Não há, no meu entendimento, *uma* história dos professores e nem *uma* história das professoras. São múltiplas as histórias dos mestres e mestras, que podem ser apreendidas em tempos mais recentes por meio de relatos orais, obras memorialísticas e diários, como tão bem apontou o Prof. Viñao Frago. Se há uma gama variada de histórias dos docentes que, certamente, guardam muitos pontos

em comum, só podemos falar de uma história de mestres e de mestras no *plural*, como de resto em relação a outros sujeitos de uma história que se constrói sobre a educação¹.

Quero, ainda, aproveitar para fazer referência a certos aspectos de uma história do magistério no Brasil e que mostra, por exemplo, diferentes pertencimentos de homens e mulheres aos quadros da hierarquia educacional. Até 1930 pelo menos e, em se tratando do estado de São Paulo, segundo pesquisas consolidadas² o magistério primário, em um momento em que o sistema educacional está mais estruturado, era uma profissão feminina e uma carreira masculina, ou seja, a tendência foi a de os homens abandonarem as salas de aula tão logo eram convidados a ocupar postos de controle e direção do sistema educacional, deixando a sala de aula como o espaço por excelência da presença feminina. Por ora, deixo de me ocupar dos outros elementos que também servem à explicitação desse processo, aqui mencionado de forma simplificada.

Outra questão a ser comentada relaciona-se ao associativismo docente, à organização do campo profissional que, na cidade de São Paulo tem início na primeira década do século XX. A Associação Beneficente do Professorado Paulista³ foi organizada tendo na sua diretoria homens professores. As mulheres professoras que participavam da Associação eram chamadas de "mordomas" e suas atividades constituíam-se de visitas domiciliares e assistência aos sócios enfermos ou com algum tipo de dificuldade, além da organização de eventos sociais: chás e festas para arrecadação de fundos; reuniões festivas para os membros da Associação.

Esse quadro muda pouco nos anos 40, 50 e 60 com relação, por exemplo, a outra entidade, o Centro do Professorado Paulista (CPP), via-de-regra dirigido por homens, cuja maioria tomava as decisões e punha em execução as medidas destinadas a gerenciar a organização dos professores associados⁴.

Outro aspecto digno de nota refere-se às discussões havidas no Encontro em torno do professor como prático, como artesão, e do professor como intelectual. Trata-se, a meu ver, de mais uma oposição binária, de mais uma dicotomia cujos polos, é preciso observar, contem diversidades e multiplicidades internas. Como bem apontou o Prof. Rogério Fernandes, não se pode negar a existência de uma "cultura pedagógica" dos professores, aqui nomeados como práticos. Ou, como bem lembrou o Prof. Antônio Gomes Ferreira, para poder desvendar essa multiplicidade interna dos polos da dicotomia artesão (prático)/ intelectual deveríamos considerar outras dimensões igualmente significativas, outras capacidades e habilidades que constituem o professor, tais como técnicas, afetivas, psicológicas etc. na História da Educação. O exemplo que ele deu de sua experiência no início de sua trajetória docente como "o intelectual da aldeia", capaz de decifrar os códigos e dominar uma linguagem em tudo o mais estranha aos aldeões, fala por si. Tais observações remetem, mais uma vez, ao perigo das generalizações, das interpretações "generalizantes" quando se tenta reconstruir os percursos de docentes na História. Um dos antídotos reside, certamente, na

recuperação da história local, da história regional, tão bem lembrada pela Prof^a Áurea Adão.

Para terminar, confirmando meu estranhamento com relação à inexistência de distinções de gênero nas percepções e interpretações dos lugares e papéis dos professores na História, a exposição da Prof^a Carmen Benso indica que, nas linhas de investigação em torno de uma história social do professorado em sua Universidade, os estudos de gênero ainda são raros. Entretanto, a revista acadêmica Arenal dedica-se às pesquisas sobre a história das mulheres e às questões de gênero, congregando historiadoras de várias universidades espanholas e podendo, perfeitamente, empenhar-se em um projeto que tenha como objetivo a recuperação das diferentes histórias de professoras e professores espanhóis.

Projetos que tenham como objetivo estudos comparativos e interdisciplinares, bem lembrados pelos Professores Agustín Escolano e Salomé Marques, desenvolvidos em Portugal e Espanha e, quem sabe, integrando o Brasil, respeitando a diversidade, a multiplicidade, as peculiaridades regionais e locais, e que acolham o gênero, raça/etnia, classe social, geração como categorias de análise, podem lançar novas luzes sobre os papéis, as práticas e os saberes pedagógicos de professoras e professores no curso da História.

Notas

- 1 Cynthia Pereira de Sousa. Fragmentos de histórias de vida e de formação de professoras paulistas: rupturas e acomodações. In: Cynthia Pereira de Sousa (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo, Escrituras, 1998, p. 27-42. Denice B. Catani, Belmira Bueno e Cynthia P. Sousa. Os homens e o magistério. As vozes masculinas nas narrativas de formação. *Revista Portuguesa de Educação*, n^o 1, vol. 11, 1998, p. 5-22.
- 2 Cf., por ex., artigo de Zeila de Brito F. Demartini: Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*, n^o 86, ago. 1993, p. 5-14.
- 3 Denice Barbara Catani. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1919)*. Faculdade de Educação da USP, Tese de doutoramento, 1989.
- 4 Cf. as dissertações de mestrado defendidas na Faculdade de Educação da USP de Paula Perin Vicentini intitulada *Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista): profissão docente e organização do magistério* e a de Rosário Genta Lugli com o título de *Estudos sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista) e o movimento de organização dos professores (1964-1990)*, ambas de 1997.